

Ministro inglês admite que os latinos não paguem aos bancos

por Tom Camargo
de Londres

Um importante ministro do governo conservador da Grã-Bretanha deixou claro nesta semana que o gabinete liderado pela primeira-ministra Margaret Thatcher está profundamente dividido quanto à maneira de lidar com os grandes países devedores do Terceiro Mundo.

Desde a eclosão da crise mexicana, em meados de 1982, a administração conservadora trombeteou uma abordagem autodefinida como "pragmática e austera", através da qual sempre exigiu total observância dos pagamentos de juros aos bancos privados, enquanto novos créditos governamentais eram suspensos todas as vezes que o devedor corria para o Clube de Paris. Foi o que aconteceu com o Brasil, que jamais conseguiu tirar um "penny" de novas linhas comerciais de Londres.

Peter Walker, o ministro da Energia, um conservador de ala tradicional do partido, onde muitos vêem com suspeição a retórica livre-mercadista de Thatcher, disse que encara com simpatia a possibilidade de que governos latino-americanos venham a se negar a pagar suas dívidas para com os bancos internacionais.

OPÇÃO PELO POVO

Diante de uma plateia de

Noticiário fornecido pelas agências internacionais AP/Dow Jones, Reuters, UPI e pelos jornais Financial Times, de Londres, Advertising Age, de Chicago, The Wall Street Journal, The Journal of Commerce e Barron's, de Nova York, El Cronista Comercial e a revista Mercado de Buenos Aires. Matérias especiais via Varig e Aerolíneas Argentinas.

homens de negócios, no interior da Inglaterra, ele afirmou ser difícil defender, de qualquer tribuna eleitoral, a disposição de pagar ao exterior, enquanto se passa fome dentro de casa. Afirmou ainda que, se participasse de um governo democrático, na Argentina, Brasil, Venezuela ou México, optaria pelo bem-estar da população, e não pelo dos bancos.

Walker, cujo cacife político é respeitável e ao qual tem somado vitórias como aquela sobre os mineiros de carvão, cuja greve durou quase um ano, recentemente criticou a falta de investimentos governamentais no setor público da Grã-Bretanha. No exato momento em que se divulgaram desastrosas notícias sobre o crescente nível de desemprego e a agora também crescente inflação (7% ao ano), Walker foi a única voz dentro do governo a censurar a "falta de flexibilidade e toque humano" da administração Thatcher.

Ontem, tanto o Banco da Inglaterra (banco central)

quanto o Ministério da Fazenda se recusaram a comentar a posição de Walker. Um porta-voz do banco disse apenas que "mantemos nossa posição de sempre". Isto é, que está rejeitada, em princípio, qualquer solução para a crise da dívida que não passe pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) ou que leve em consideração a suspensão do pagamento de juros aos bancos comerciais.

Para acrescentar, como diz a expressão inglesa, um ferimento ao insulto, Walker deixou claro que considera "posição moral aceitável" aquela que assume que dívidas feitas por ditadores não devem, necessariamente, ser honradas pelos seus sucessores democráticos. Para ele, quando os ditadores desaparecem do mapa esvanecem-se também suas dívidas.

Para o ministro, a complexidade da situação latino-americana exige que os governos ocidentais assumam "postura positiva" no tratamento da dívida, ainda que por "mero egoísmo esclarecido".